um conto de fadas queer

Muito prazer, eu sou Gaia!

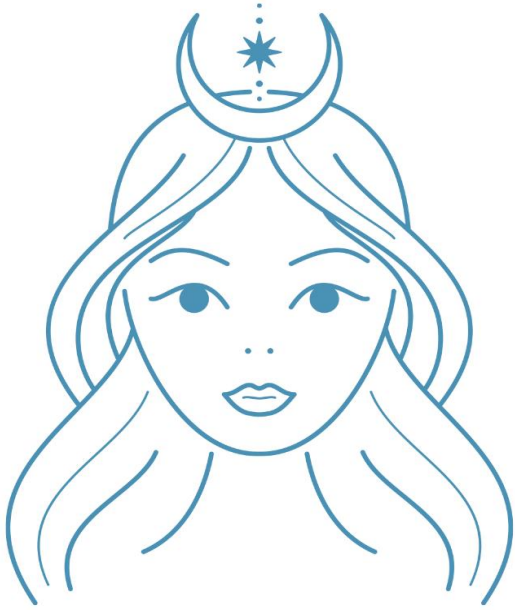
Mama Gaby

Muito prazer, eu sou Gaia!

um conto de fadas queer

Mama Gaby

Muito prazer, eu sou Gaia! - um conto de fadas queer
© 2025, Gabriela Kopinits dos Santos (Mama Gaby) – Todos os direitos reservados.
ASIN: B0FK2PVSSN
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida, seja por meios eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem autorização por escrito da autora, exceto nos casos previstos pela lei de direitos autorais.
Primeira edição – 2025
Editora: Gabriela Kopinits dos Santos (Mama Gaby)
Capa e ilustrações: Mama Gaby (com recursos digitais e edição no Canva)
Revisão, diagramação e preparação: Mama Gaby



SANTOS, Gabriela Kopinits dos
Muito prazer, eu sou Gaia! um conto de fadas queer / Mama Gaby. — 1. ed. — Salvador, BA, 2025.
16 p. : ilustrações coloridas ; 21 cm
1. Literatura brasileira. 2. Conto queer. 3. Literatura LGBTQIA+. 4. Identidade de gênero. 5. Fantasia. 6. Representatividade. 7. Fadas.
I. Título. II. Mama Gaby.
Imagens geradas por inteligência artificial através da ferramenta Canva.
CDD: 869.93

Para Briza,

que me inspirou este conto com seus olhos doces e sua alma feita de luz, de todas as lindas luzes que compõem o arco-íris.

Você é uma estrela rara, daquelas que brilham mesmo quando o mundo tenta apagar.

Gaia é você — e também todes nós que ousamos ser quem somos.

Com carinho, admiração e encantamento.

Mama Gaby

Erro no Sistema

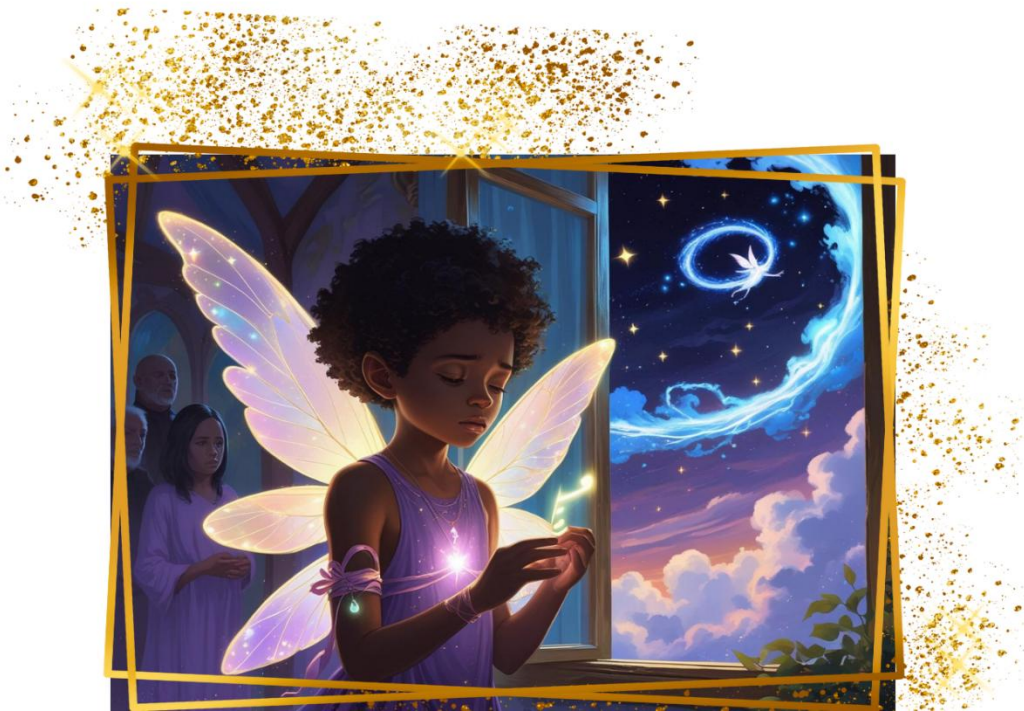
No princípio de tudo, antes da primeira folha cair da primeira árvore, o Reino Encantado criou o **Programa de Encantamentos Corporais,** um sistema mágico responsável por costurar corpos para as almas que esperavam nascer.
Cada ser nascia de um **casulo de luz**, onde sua essência era embalada em energia e, pouco a pouco, ganhava forma. Era um processo sagrado, com cheiros de estrela recém-nascida e som de vaga-lume piscando no escuro.
Naquela manhã, o casulo brilhou diferente.
As Fadas Supervisoras se reuniram, animadas.
— Vai nascer um menino! — disseram.
O código estava lá: traços fortes, asas pequenas, voz grave, nome pré-carregado: **Gael**.
Mas quando o casulo se abriu…
…o que emergiu não era o que esperavam.
O corpo era o do menino programado.
Mas os olhos — ah, os olhos — dançavam de um jeito que não batia com a linha de código.
A alma cintilava numa frequência doce, ondulada, quase uma canção.

E quando o ser abriu a boca pela primeira vez, não chorou — **cantou**.
Não era Gael.
Era **Gaia**.
Só que ninguém entendeu.
— Alguma falha na tradução energética? — cochichou uma fada.
— Talvez o casulo tenha bugado... — sugeriu um duende de suporte.
— Melhor esperar. Às vezes, isso se ajeita com o tempo.
Só que não se ajeitou.
Gaia cresceu sendo chamada de Gael.
Foi ensinada a andar como menino, falar como menino, desejar como menino.
Mas em segredo, dançava com o vento, sonhava com vestidos de névoa, inventava feitiços com cheiro de jasmim.
Sabia que era fada. Sabia que era flor. Sabia que era diferente.
E quanto mais tentavam consertá-la, mais ela sentia que o defeito não estava nela —
estava **no espelho que a refletia errado**.

O Sussurro do Vento

Foi numa tarde de silêncio esquisito que Gaia ouviu pela primeira vez.
Estava sentada à beira do Lago do Tempo, com os pés dentro d'água e o coração fora do corpo. Sentia-se vazia, feita de perguntas e suspiros.
Então veio ele:
o **vento**.
Não um vento qualquer.
Esse tinha cheiro de estrada, gosto de fruta que ninguém conhece.
Ele soprou leve no ouvido de Gaia e disse, com voz de segredo:
— **Há um lugar além do Bosque Onde-Nada-Muda**.
— Lá, os corpos não mandam nas almas.
— Lá, ninguém te pergunta o que você é.
— Lá, você pode ser... o que quiser.
Gaia arregalou os olhos.
— Isso existe mesmo?
O vento riu.
— Existe para quem ousa atravessar.
Naquela noite, ela sonhou com um céu colorido demais para ser real.
Com criaturas de mil formas e nenhuma definição.
Com beijos dados sem medo, com danças sem gênero, com nomes inventados
de tanto amor.
Acordou tremendo.
Mas não de medo —
de **coragem**.

Nos dias seguintes, o mundo encantado começou a parecer menor.
As árvores já não lhe faziam sombra, as regras lhe pesavam feito pedra nos ombros.
Até as asas que cresceram nas suas costas pareciam presas a um manual de instruções.
Ela tentou contar à sua família.
Tentou explicar que não era erro, nem confusão.
Que era só **verdade fluida**, pulsando por dentro.
Mas ouviu apenas o velho mantra:
— Isso é coisa da sua cabeça.
— Fada não muda.
— Você era pra ser Gael.
Foi aí que decidiu: **ia embora**.
Empacotou seus feitiços favoritos, uma canção que nunca teve coragem de cantar, e o brilho que vinha do fundo do peito — aquele que ninguém conseguiu apagar.
E antes que alguém dissesse "aonde você pensa que vai?",
Gaia pulou a janela da realidade,
e saiu voando rumo **ao desconhecido**.



O Mundo do Entre

Voou por horas, dias, talvez séculos. No tempo dos que se reinventam, os ponteiros giram ao contrário.
Gaia atravessou florestas que sussurravam seu nome verdadeiro, mares de névoas que soltavam elogios em forma de bolha, e por fim, encontrou a Fronteira do Entre — um portal feito de espelhos líquidos, onde nada era definido, mas tudo era **absolutamente autêntico**.
Do outro lado, um mundo pulsava em cores que nem o arco-íris ousava imitar.
Os seres ali não tinham forma fixa. Mudavam de pele, voz, cheiro e nome conforme a emoção do dia.
Alguns flutuavam, outros rastejavam em poesia.
Tinham asas e raízes. Vozes graves com rendas. Peitos que se mexiam ao ritmo da liberdade.
Ninguém perguntava "**o que você é**?"
A única pergunta era:
— **Como você se sente hoje?**
Gaia pousou no chão macio feito algodão de luar.
E pela primeira vez...
ninguém a estranhou.
Nem o vestido de nuvem que escolheu usar, nem a forma como falava,
dançava ou olhava.
Ali, **ela cabia**.

Foi recebida por uma criatura de faiscantes olhos multicoloridos — tão lindos que pareciam conter todas as cores do universo ao mesmo tempo. Olhos como nunca se tinha visto antes, como se cada um guardasse uma história, um mistério ou um encanto diferente.

Chamava-se **Miraluz**, e não usava nenhum pronome fixo.

Tinha voz de trovão e gargalhada de fonte.

— Te esperávamos — disse Miraluz, estendendo uma xícara de chá feito da flor-de-fada azul , que mudava de gosto conforme o desejo do coração.

— Vocês sabiam que eu vinha?

— Sabíamos que alguém como você viria. Toda era precisa de uma fada que quebra padrões com amor.

Gaia chorou. Mas não de tristeza.

Era **alívio antigo escorrendo dos olhos**, feito tinta encantada.

Naquela noite, dançou com gente de todas as formas e não-formas.

Cantou sua canção escondida, e foi aplaudida com estrelas.

Chamaram-na de **musa**.

De **feitiço vivo**.

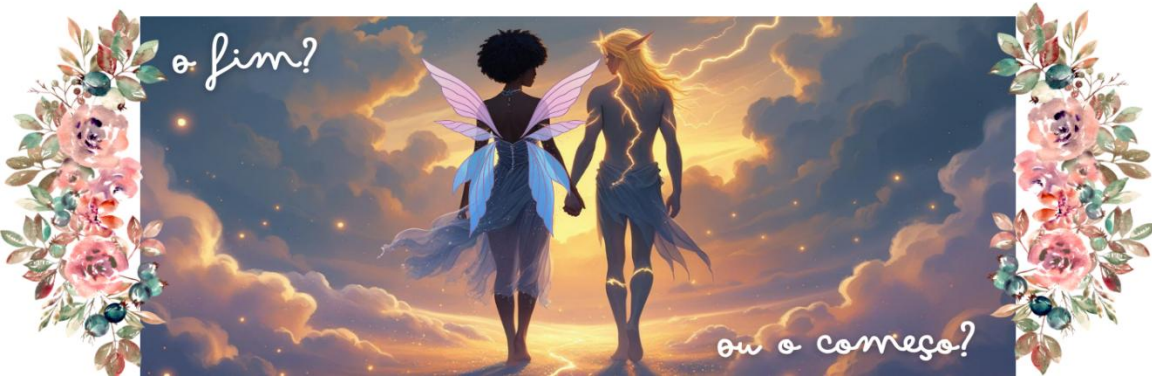
De Gaia, e só **Gaia**.

E quando se olhou no espelho do lugar,
não viu mais um erro,
mas uma constelação.

A Voz Que Ilumina

O tempo passou no ritmo dos sonhos — lento quando precisava durar, rápido quando doía.
Gaia se tornou uma presença constante nas noites do Entre.
Cantava em praças flutuantes, palcos invisíveis, grutas cheias de luzes dançantes.
Sua voz era um feitiço raro:
quem ouvia, lembrava quem era antes de ser podado.
Cantava sobre o corpo que a rejeitou.
Sobre o menino que nunca existiu.
Sobre a alma que explodiu de tanto se calar.
E cada vez que abria a boca, outra alma se abria também.
Choros.
Sorrisos.
Transformações.
Logo, passou a ser chamada de **Estrela Canta-Luz**.
Um ser que já sofreu muito, mas que escolheu amar.
Foi aí que...
numa dessas noites sem chão nem teto, enquanto cantava envolta por fios de fogo-fada,
viu alguém na plateia que a fez perder o tom.
Pela primeiríssima vez.
Apresentava-se, naquele momento, como um belíssimo e fulgurante ser dourado, com cabelo de raio e olhos cor de tempestade.
Chamava-se **Noar** — um nome que dançava entre ele, ela e nenhum dos dois.
Noar não tinha forma definida.
Como todos os outros seres daquele lugar.
Hora parecia um galho, hora um rio, hora uma lembrança boa.
Tinha a beleza dos que não pedem licença pra ser.

Depois do show, ele veio até Gaia e disse:
— Tua voz me desfez. Obrigado.
— E você, me fez perder o ar — respondeu ela, rindo com o coração escancarado.
Conversaram até o sol esquecer de nascer.
Falaram sobre dor, sobre rótulos, sobre como é difícil amar quando o mundo te trata como engano.
E ali, na beira da alvorada, selaram um pacto sem palavras:
Seriam abrigo um no outro.
Sem gaiolas.
Sem contratos.
Só presença.
E amor.
Dizem que Gaia e Noar fundaram um teatro-casulo, onde seres de todos os multiversos iam se despir das máscaras e se vestir de si.
E que, quando cantavam juntos, estrelas caíam só pra ouvir.
Mas o mais bonito é que Gaia nunca voltou pro Reino Encantado.
Não por mágoa — mas porque entendeu que certos nascimentos são apenas o prólogo da verdadeira **metamorfose**.
E, no fundo, aquele reino nunca foi seu lar.
Porque lar, ela descobriu, não é onde disseram que você deveria caber —
é onde o coração da gente repousa inteiro.
E o de Gaia estava todinho ali.



Epílogo — Carta de Gaia

Se você está lendo isso, talvez ainda more no casulo.
Talvez te chamem por um nome que não veste.
Talvez o espelho te devolva um reflexo que machuca.
Talvez você ache que nasceu errado.
Eu também achei.
Me disseram que eu era um erro do sistema.
Que minha alma era confusão.
Que eu precisava me consertar pra caber.
E eu acreditei nisso.
E sofri muito, tentando me encaixar.
Mas deixa eu te contar um segredo:
ninguém nasce errado.
O erro está no mundo que tem medo de quem é raro demais pra ser domesticado,
daquilo que não consegue classificar,
em quem não consegue pôr uma etiqueta ou um rótulo.
Você é luz líquida.
Você é dança entre polos.
Você é um feitiço que ainda não tem nome — e tudo bem.
Quando o vento sussurrar que há outro lugar,
escute.
Quando sua alma tremer de vontade de ser,
seja.
Quando seu corpo quiser mudar,
permita.
E se um dia chegar até onde estou,
venha me ver cantar.
Tenho uma canção guardada só pra você.
Com amor e magia,

Gaia

Quem é Mama Gaby?

Muito prazer, eu sou Gabriela Kopinits dos Santos — professora, tradutora e contadora de estórias. Mas, neste livro, eu sou a Mama Gaby: uma mãe literária, simbólica e emocional.
Esse nome eu ganhei de uma filha que a vida me deu — uma menina linda, que nunca aceitou carregar rótulos e que precisou (e ainda precisa) de muita coragem para ser quem é.
Ela me inspira. E esse conto também é para ela.
Sou uma contadora de estórias (e histórias) que abre os braços para as almas dissidentes, para quem dança fora da linha, para quem já ouviu que "não pode", mas ousa existir mesmo assim.
Este é o meu primeiro livro escrito especialmente para quem, como eu, carrega a mais linda das bandeiras, a que acolhe tudo e todes. Não o escrevi para explicar nada a ninguém. Escrevi porque quero celebrar.
Quero embalar nos braços da fantasia cada criança, jovem ou adulto que já se sentiu um erro, um equívoco, um corpo não previsto.
A história da Gaia é uma homenagem, uma oferenda e uma promessa.
Porque eu, Mama Gaby, estou aqui pra dizer que abomino qualquer tipo de preconceito — e que não aceito que ninguém seja apagado, silenciado ou machucado por ser quem é.
Gaia, a fada que nasceu menino por engano, mas que sempre soube a força da sua voz, a essência de sua alma, é só o começo.
Que essa história encontre seu coração, e te lembre de algo que talvez o mundo tenha tentado fazer você esquecer:
Você é mágique, você é inteire,
e você merece voar.

Com amor e acolhimento,

Mama Gaby

PS: Se você curtiu essa leitura, eu tenho um convite: conheça também meu livro de contos "Do Amor e Outras Dúvidas" — histórias intensas pra quem ama se emocionar e se surpreender. Você encontra mais sobre ele no meu perfil @gaby.gabysantoss.

E se quiser apoiar uma escritora independente, esse é um ótimo jeito!
Obrigada por caminhar comigo até aqui. 💜
A gente se vê nas próximas páginas.